

VIDEOVOTO

WILMAR GONÇALVES LIMA
Especial para o CORREIO

Muitos candidatos estão dizendo que é a inexperiência a principal causa de serem tão ruins os programas apresentados no horário eleitoral gratuito. "É que Brasília está votando pela primeira vez" dizem eles. Inexperiência pode servir como desculpa, mas não vale como justificativa. Na verdade, muitos candidatos apostaram na inexperiência dos eleitores, esperando que o simples fato de aparecerem na televisão já serviria para atrair votos, pois tudo era novidade. Pouco mais de um mês depois do início do horário eleitoral, as pesquisas fizeram desmoronar o argumento: só está na frente na preferência popular quem realmente investiu na comunicação, contratou profissionais e corrigiu defeitos. Os outros, que despencam nos números seguem apanhando para a televisão e insistem nos mesmos erros do inicio da campanha, que são muitos. Vamos mostrar alguns:

Não aproveitamento da imagem — este é o principal — Os candidatos esquecem que estão num veículo de comunicação que só existe por causa da imagem, e insistem em falar de muitos assuntos sem nenhuma ilustração, principalmente alguns candidatos que dispõem de mais tempo. Nem em novelas as falas mais longas são gravadas só com a imagem de quem está falando. Sempre há uma mudança de câmera, a imagem de outra pessoa ouvindo, etc. E as falas longas são raras, só em cenas de muita dramaticidade. O que não acontece no horário eleitoral gratuito. Alguns candidatos gastam dois minutos, ou até mais, falando diretamente para a câmera, e o eleitor, quando presta atenção, só consegue lembrar do que o candidato falou por último, o inicio é esquecido.

Abuso de estúdio — Nada mais frio numa campanha eleitoral do que um estúdio, local que, na visão da maioria das pessoas, é um lugar fechado, a que poucos têm acesso. Partidos de esquerda usam pouco o estúdio. Partidos de direita fazem toda a campanha no estúdio.

Perda de tempo — Alguns candidatos só têm alguns segundos para falar e gastam metade do tempo, ou mais, para falar o que a imagem está mostrando. Por exemplo — "Esta noite vamos falar aqui defronte o ginásio de esportes Presidente Médici". A imagem está escura e a placa do ginásio está aparecendo ao fundo, mas o candidato insiste em falar sobre aquilo que todo mundo está vendo. Outros colocam placas no estúdio com letras enormes e dizem "Eu sou Fulano de Tal, número tal (geralmente uma milhar) do Partido tal (com nome longo)". Depois de toda esta leitura desnecessária por causa da placa, só sobra tempo para o candidato dizer "vote em mim".

Imagens sem sentido — Alguns candidatos que usam a ilustração, às vezes o fazem sem cuidado, e a imagem que aparece não tem nada a ver com o que ele está falando. É o caso de um tigre. Se muitos eleitores gostam de fazer uma "fezinha" no jogo do bicho, outros nem sabem como é que se joga, nem o número do tigre, e como o candidato não se refere ao bicho, ficam sem entender por que foi que o animal apareceu.

A leitura do texto — Há alguns dias, o CORREIO BRAZILIENSE mostrou a dificuldade dos candidatos no uso do Teleproneto, um aparelho que possibilita a leitura, olhando diretamente para a lente da Câmara. Alguns candidatos que estão usando, não estão conseguindo ser naturais. E os que não usam, encontraram uma saída que é muito mais um problema do que uma solução — escrevem o texto num papel e colocam ao lado da câmara. Com isso, não olham direto para a lente.

Roupas inadequadas — Muitos candidatos usam roupas coloridas, e de tamanho mau gosto, que chamam muito a atenção. Mas, para a roupa, o eleitor fica olhando para as cores e não ouve o que o candidato está falando. Outros usam óculos escuros, que além de desviar a atenção, dão ao telespectador a impressão de que o candidato não é sincero, e tem medo de que o olhem nos olhos.

Tom de voz — Alguns candidatos pensam que não existe diferença entre Televisão e palanque, e fazem verdadeiros discursos. Outros fazem textos longos e têm pouco tempo. Resultado: falam rápido demais e ninguém consegue entender nada.

Nebulosidade — Este é o nome usado em televisão quando o uso de recursos técnicos de maneira errada, prejudica a comunicação. É o caso dos candidatos que colocam o número piscando o tempo todo. O telespectador não consegue entender o que o candidato falou porque o número estava atrapalhando, e não consegue guardar o número porque o candidato estava falando.

O uso de entrevistas — Alguns candidatos usam as entrevistas corretamente, outros

querem aparecer tanto que acabam passando uma imagem de falta de educação. Só olham para a pessoa que entrevistam quando fazem a pergunta. Na resposta viram para a câmera, como se a pessoa que está ali ao lado não estivesse falando com ele.

A linguagem — Outro ponto importante — Muitos candidatos não acompanham a evolução da linguagem, e falam como se estivessem num comício da década de trinta, abusam de chavões e tentam impressionar com palavras difíceis e forade-moda. A televisão exige uma linguagem simples. Uma palavra difícil faz o telespectador se perguntar "O que é isso?" Enquanto ele procura uma resposta, o candidato continuou falando, e o telespectador não ouviu nada.

Problemas técnicos — Não são dos candidatos, mas eles permitem que aconteçam. São os defeitos nas fitas e os "pulos de edição" (aquele problema que dá a impressão que o candidato deu um pulo ou levou um soco, quando são montados dois trechos de uma fala, e não é coloca uma imagem para esconder a edição). Nos "pulos", o telespectador leva um susto, até pensar no que foi que aconteceu, já perdeu um trecho da fala.

Estes são alguns dos problemas que ocorrem com mais frequência no horário eleitoral gratuito, e que poderiam ser corrigidos. É claro, tem que se pensar também que só a produção não faz um candidato se eleger. Um candidato de um pequeno partido, sem dinheiro, pode conseguir muitos votos se se vestir com sobriedade, usar um fundo neutro até de um estúdio, e dar sua mensagem com sinceridade, e que transmita esta sinceridade ao eleitor. E um candidato com muito dinheiro pode não conseguir nada, se montar uma superprodução e aparecer com um microfone na Celiândia.

O que é necessário é que os candidatos aprendam a usar bem a televisão, para que os programas possam ser, pelo menos, assistíveis. A melhor definição do mau uso da TV é do jornalista Ronan Soares — Chefe de Redação da TV Globo "Imagine você se um candidato entra na sua casa, com um letreiro pendurado no pescoço piscando o tempo todo, e fica gesticulando e falando palavras difíceis. Imediatamente você o coloca para fora e chama a polícia para prendê-lo. Ele só pode ser louco".

Editor do telejornal Hoje, da TV Globo